

Marginal ou canônico? A superação da reprodução de discursos hegemônicos por meio da literatura em espaços formativos

Marginal or canonical? Overcoming the reproduction of hegemonic discourses through literature in formative spaces

*Fernanda Santana Santos***
Instituto Federal do Espírito Santo
f3rnandasantana@gmail.com

*Maria das Graças Ferreira Lobino****
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes)
doutoradograça@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, propomos a ponderação ao que é considerado literatura marginal e o que é canônico, partindo do pressuposto de que não são apenas os critérios estéticos que delimitam e demarcam tais categorias. Nesse contexto, é válido ressaltar que, para além da esfera de produção, existe uma supervalorização e reprodução dos cânones em detrimento da produção considerada periférica, a qual é veiculada às margens dos conceituados corredores editoriais e dos ambientes educativos; mas diretamente vinculada ao contexto histórico, social e cultural da

** Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015), especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade (2016) e mestranda em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação do Espírito Santo. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística. Áreas de interesse: Análise do Discurso, Educação Ambiental, Educação Ambiental Crítica, Ecologia Política.

*** Possui larga experiência em docência no Ensino Superior e na Educação Básica, bem como na formulação e no desenvolvimento de projetos em políticas públicas nas áreas da educação socioambiental formal e não formal, gestão escolar participativa e Ensino de Ciências na abordagem CTSA. Atualmente é professora EBTT do Centro de Referência em Formação e Educação EaD (CEFOR)/IFES, onde coordena o projeto de Extensão "Alfabetização Científica no contexto da sustentabilidade socioambiental da cidade de Vitória" fruto de suas pesquisas. É Líder do Grupo de Pesquisa "Coletivo de Estudos e Pesquisas em Educação, Ambiente e Sociedade", e membro do "Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Científica e Movimento CTSA" e do Grupo de Estudo e Pesquisa "História e Filosofia da Ciência"/ifes e do Laboratório de Gestão da Educação Básica/LAGEBES-Ufes). Desenvolve e orienta pesquisas na Área do Ensino de Ciências da Natureza, Gestão Escolar e Educação socioambiental. Mestre pelo PPGE/ufes na linha da Formação e prática docente onde cursou duas Licenciaturas e Especialização pela mesma instituição. Em 2010, defendeu tese de doutorado pela Universidad Autónoma de Asunción/UAA, revalidada em 2014 pela UFAL. É filiada à ABRAPEC, SBPC e ANPAE. Atua na área ambiental do Centro Latino-americano de Integración e Cooperación.

sociedade. Urgindo, portanto, por inserção efetiva, disseminação, emprego e aproximação com a Educação em todos os seus espaços e níveis; estabelecendo, assim, um ensino democrático e contextualizado. Para isso, apresentamos também uma proposta educacional ligada ao ensino de Literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura marginal. Cânones literários. Ensino democrático.

ABSTRACT: In this work, we propose to consider what is considered “marginal literature” and what is canonical, assuming that it is not only the aesthetic criteria that delimit and demarcate such categories, and thus having a certain influence of hegemonic ideals in productions, receptions and literary circulations. In this context, it is worth noting that, in addition to the production sphere, a overvaluation and reproduction of the canons to the detriment of the production considered peripheral, which is conveyed on the margins of the renowned editorial corridors and educational environments; but directly linked to the historical, social and cultural context of society. Urging for effective insertion, dissemination, employment and approximations with Education in all its spaces and levels; thus establishing a democratic and contextualized teaching, for this, we also present an educational proposal linked to the teaching of Literature.

KEYWORDS: Marginal literature. Literary canons. Democratic education.

Introdução

Ao longo dos tempos o homem tem passado por uma busca constante por sentidos, significados e significações de si próprio, do outro e do mundo a sua volta. Para além disso, ele possui a necessidade de se expressar, materializar suas emoções, produzir e criar. Isso nos implica dizer que há uma certa essência criadora e curiosa inerente à natureza humana, a qual ocorre, dentre diversas outras formas, por meio das artes. Nesse contexto, a literatura se faz deveras importante, pois auxilia na compreensão de questões existenciais, contribui para o despertar do imaginário e fornece subsídios no processo de formação e desenvolvimento do homem, o que, conforme afirma Hilário Franco Júnior (1998), seriam esses os fatores os quais diferenciam a humanidade dos demais seres vivos, pois o ato de imaginar e a constituição do ser é um processo de se ligar ao passado e ao futuro, dando um

sentido ao presente, e também tornando o homem um ser histórico. Outrossim, a essência criadora e imaginária é uma prática plural e simbólica; plural, pois exala várias considerações, pretensões e sentidos; e simbólica, pois expressa os sentimentos de um grupo social, revelando que há na literatura uma força de atração, a qual excita o homem e o leva a querer ler mais, e assim se nutrir de leitura.

Dada a importância da literatura nesse processo, vê-se também nela o caráter de ser um “sistema enraizado na vida e na história da sociedade” (BOSI, 2006, p. 531), além disso, segundo Afrânio Coutinho, autor de inúmeros livros de grande influência nos estudos literários brasileiros,

através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. Ela tem existência própria, é ela e nada mais, e seu campo de ação e seus meios são as palavras e os ritmos usados por si mesmos e não como veículos de valores extraliterários. (COUTINHO, 1976, p.10)

Assim, deve-se entender que há na literatura valores que englobam não só a estética e a forma, mas também a manifestação artística, cultural, identitária (literária) do homem. Entretanto, percebe-se que, no Brasil hodierno, alguns embates permeiam o cenário, sinalizando questões a serem entendidas no que diz respeito à historiografia da literatura brasileira, pois essa aponta para um certo dogmatismo arrogante no que é valorizado, consumido, publicado (exaustivamente) e inserido nos ambientes educativos; o que leva à uma visão errônea de que a literatura seja um campo fechado, com cânones incontestáveis, certo rigor metódico e uma estética aparentemente difícil de ser alcançada ou entendida. E, nesse imbróglio, seu ensino tende a ser visto, exclusivamente, com a função da transmissão de clássicos. Por outro lado, cabe também ponderar que

observamos em muitos aspectos, na literatura brasileira recente, a diversidade da produção, em termos formais e temáticos, e isso tem estimulado uma ampla reflexão sobre a adequação de categorias tradicionais para lidar com essa produção. Em meio a essa reflexão, constantemente são formuladas dúvidas sobre a qualidade e a relevância das obras contemporâneas. Em tempos em que a complexidade da indústria cultural desafia as ciências humanas como um campo cifrado, parece improvável que a relevância de obras literárias possa ser avaliada de modo independente do impacto do mercado. O questionamento do valor estético poderia demandar uma

percepção crítica dos mecanismos de descartabilidade de valor propostos pelo consumo. (GINZBURG, 2008, p. 98)

Diante do exposto, é importante destacar que a literatura não se limita a cânones, e seu ensino não se trata apenas da transmissão de clássicos, estilos, escolas ou correntes literárias. Essa visão sustentada com o aval da hegemonia é equivocada e permeada do interesse de calar seu verdadeiro âmago, pois a importância da literatura insere-se para além dos cânones, já que deve ser entendida como local de alteridades, que almeja também quebrar verdades pré-estabelecidas; dando voz ao homem. Nessa perspectiva, assumimos a relevância da literatura marginal, da literatura periférica, e do que Deleuze e Guatarri (BOGUE, 2008) denominam: a literatura menor.

1 Caminhos da pesquisa

Diante da pluralidade de vozes que efervescem e tem aflorado no meio literário, e dada à falta de valorização, apreciação e abordagem dessas, apresentamos nessa pesquisa algumas problemáticas que se ligam a esse contexto. Um dos principais desafios a ser enfrentado é a suposta neutralidade imposta na falta de debates e diálogos sobre as produções que permeiam a história da literatura brasileira, fato este que acaba acentuando a supervalorização dos cânones e a marginalização de outras obras. Problematicamos aqui essa atitude, pois

o que marca o surgimento do status científico da história, como ciência, é sobretudo o critério de veracidade na produção de conhecimentos. [...] Assim, o fato histórico é concebido não como único, mas como uma pluralidade de olhares que perpassam um mesmo fato, em âmbitos como o da economia, da psicologia social, da antropologia, os mais diversos; não, entretanto, no âmbito literário. (MELLO, 2008, p.8)

Diante disso, estabelecemos esse estudo com o intuito de abordar os entraves que envolvem o insuficiente apreço à literatura marginal, quer seja na história e historiografia da literatura, quer seja nos contextos educacionais.

Ademais, apresentamos no “Quadro 2” possíveis trabalhos com abordagens de literaturas consideradas menores, periféricas e marginais, com vistas a auxiliar o processo de inserção dessas em meio educacional.

2 A ligação entre a história, o espaço e a Educação

O momento atual e a historiografia da literatura brasileira indicam uma desestabilização de conceitos, estilos e valores empregados no campo literário. E, em contrapartida à centralização exaustiva dos espaços canônicos, vê-se o grito daqueles que anseiam pela mudança de paradigmas nos setores culturais, políticos e sociais; já que tais paradigmas influenciam e situam-se também na produção literária. Logo, sua ruptura sugere outras maneiras de se escrever histórias da literatura, rechaçando os protagonismos e protagonistas exclusivamente hegemônicos. Dessa forma, a descentralização do quadro da história da literatura tem o objetivo de trazer a esse campo discursos de alteridades, procurando despertar uma consciência crítico-polifônica, em coletivo e com caráter enunciativo.

Com vistas a elucidação de todo o processo que permeia essa questão, devemos recorrer a alguns pontos específicos da historiografia da literatura, bem como à história da sociedade brasileira. Ressaltamos que o panorama geral e mais globalizado da historiografia literária pode ser contemplado em diversos trabalhos, nesse sentido, apresentamos no “Quadro 1” um levantamento bibliográfico contemplando pesquisas que trazem um detalhamento apurado e reflexivo do percurso que perpassa a historiografia da literatura brasileira. As pesquisas apontadas estão disponíveis para consulta na base de “Periódicos CAPES” (optou-se por utilizar tal base dada a vasta e variada produção científica disponível, bem como a alta relevância acadêmica do portal).

Quadro 1 – Trabalhos que aprofundam nas questões da historiografia da literatura brasileira de forma reflexiva e contextualizada.

TÍTULO	AUTORES
A historiografia literária brasileira e as contradições propostas pelas escritas periféricas	Regina Céli Alves da Silva

A historiografia literária brasileira: experiências contemporâneas	Carlos Alexandre Baumgarten
Crítica e historiografia literária brasileiras	Roberto Acízelo de Souza; José Luís Jobim
Entre o cânone e a história: notas sobre historiografia literária e escrita da história	Erivan Cassiano Karvat
Reflexões sobre uma nova historiografia literária na América Latina	Eduardo F. Coutinho

Fonte: Elaboração própria (2020).

A princípio e de modo sumário, pontuamos que é evidente que, desde a colonização do Brasil, a supremacia europeia imperava em todos os sentidos da vida. Assim, outras culturas e homens que não fossem os europeus eram desprezados e considerados uma classe subalterna, os quais eram quase que em totalidade tratados com desprezo. Logo, aquilo que não era produzido nos padrões impostos pela hegemonia eurocêntrica era tratado com descaso e como inferior; o que influencia e perdura nos padrões do corpo social brasileiro até a contemporaneidade.

Nesse contexto, desde meados do século XIX vê-se uma tentativa de firmar processos de historiografia literária brasileira sob influência dos ideais do Romantismo, que tinha em sua essência a valorização da pátria e a ideia da criação de uma identidade nacional. Entretanto, esses esforços apoiam-se em uma origem positivista, e são reproduzidos mesmo nos dias de hoje, fazendo com que aquilo que não é canônico não seja contemplado e escrito na história; tratando, então, com descaso e inferioridade outros tipos de literatura – algo muito semelhante ao que o europeu fazia com tudo o que ele não considerava seu próprio reflexo.

Posto isso, no ambiente escolar vemos um espaço propício para que seja inserida a mentalidade que deixa de reproduzir e transmitir ideais estrangeiros, reconhecendo também a produção nacional não canônica, a diversidade, os autores das periferias, o contexto e o universo em que se inserem todos os atores do processo educativo. Rompendo, assim, com o canto da sereia europeu e hoje também norte-americano (o qual tem influenciado os países subdesenvolvidos com cada vez mais força pós Segunda Guerra Mundial), evidenciando as injustiças, pregando de fato a democracia e construindo caminhos para a inserção política e social do indivíduo.

O grande pesar é que na história da educação – seja no ensino básico, ou na formação de professores –, nos deparamos com uma abordagem balizada por uma literatura com traços eurocêntricos, com a reprodução de cânones, e determinada formação que visa uma verdadeira massa de manobras, com pouco apreço pela produção de outros grupos (como, por exemplo, étnicos), os quais entendemos estarem mais relacionados ao universo multicultural dos indivíduos e de toda a sociedade.

Dessa forma, entender tal panorama e o tratamento que tem sido dado à questão é reconhecer que ambos são decorrentes e refletem o contexto histórico, social, político e econômico que deixa à margem o que foge aos interesses de uma determinada maioria em detrimento de um grupo menor. Vale lembrar que jamais devemos confundir esse "menor" com "pior" – o que é um erro comum –, assim como não se deve confundir "minorias" com menor quantidade: em geral, as ditas minorias são quantitativamente imensas – negros, mulheres, crianças, gays, índios, velhos, pobres etc. Essa condição de minoridade é associada à relação que tal minoria tem com o "poder" que, correlativamente, é exercido pelo seu "oposto": brancos, homens, adultos, héteros, não-índios, ricos etc. Nesse sentido, destacamos que

o conceito de literatura menor tem os seguintes componentes: a potência da desterritorialização da língua que permite uma criação de uma língua estrangeira na própria língua materna; a conexão imediata do individual com o político, que passa por relações complexas com a experiência de minorias; e o já mencionado agenciamento coletivo de enunciação. (ABREU, 2012, p. 204)

Já o conceito de literatura marginal é dado da seguinte maneira:

O aspecto característico da literatura marginal contemporânea é o fato de ser produzida por autores da periferia, trazendo novas visões, a partir de um olhar interno, sobre a experiência de viver na condição de marginalizados sociais e culturais. Essa é uma diferença crucial, pois a maior parte dos escritores que povoaram suas páginas com os marginais e marginalizados da sociedade, salvo algumas poucas exceções, não pertencem a essa classe de indivíduos, senão que assumem o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz. Não é o que acontece com os escritos "da" periferia (e não "sobre" a periferia), os quais transformam tanto o foco da representação da vida marginal, como conferem um novo ethos à produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados. (OLIVEIRA, 2011, p. 33)

Face ao exposto, a literatura é, por natureza, polissêmica e pode ser utilizada com diversas perspectivas e concepções. Nesse contexto, é importante evocar novos significados à sua aplicabilidade, dado o relevo social e também às pretensões de se inserir ligações com o universo do leitor. É lícito ponderar também que, por diversas vezes, a utilização e consagração de cânones segue uma linha que apenas reforça o sentido das dependências já enraizadas, e assim bastaria um rápido olhar sob a estilística consagrada e valorada para visualizar em suas extensões, decorrências e influências a consagração de ideais de uma elite hegemônica e preconceituosa.

Assumindo o entendimento que ao longo dos anos a história contada da literatura brasileira tem deixado de contemplar a produção da massa e privilegiado cânones, é necessário mudar também o termo utilizado até aqui, pois o que vemos não se trata da produção de obras norteadoras da história da literatura brasileira, mas sim produções sobre a história da literatura canônica e hegemônica brasileira.

Ora, vale ressaltar que os conceitos de literatura e a história que é contada sobre ela devem ser baseados em princípios que vão além da estética. De acordo com Todorov (1975, p. 27), “a literatura, sabemos, existe precisamente enquanto esforço de dizer o que a linguagem comum não diz ou não pode dizer”; o autor também afirma que ela “é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da Linguagem” (TODOROV, 2006, p. 53). Nesse sentido, concordamos com Todorov no sentido de que a literatura tem o poder de enunciar o que somente ela poderia, e que “quando o crítico tiver dito tudo sobre um texto literário, não terá ainda dito nada; pois a própria definição da literatura implica que não se possa falar dela” (TODOROV, 1975, p. 27). Entretanto, o que se vê não é a polifonia, e sim uma homofonia, no sentido de que,

enquanto polifonia é uma multiplicidade de vozes independentes, imiscíveis e superpostas cantando textos variados, homofonia são várias vozes cantando simultaneamente o mesmo texto, subordinadas à harmonia que garante a unidade musical através dos acordes. (ROMAN, 1993, p. 210)

Dado o contexto retratado, é inegável que, tanto a produção literária quanto o seu acesso, inserem-se em uma certa sentença meritocrática, revelando que as produções as quais desviam dos sentidos e da estilística hegemônica – ou aquelas que não se consagram como cânones – esbarram em entraves limitadores de sua

inserção no ambiente escolar; e, quando contempladas, ocorre com certa resistência, pois erroneamente é entendido que estão sendo utilizadas em detrimento do “patrimônio histórico”. Resta-nos o questionamento: afinal, o que é o patrimônio histórico? já que impera a utilização e apreciação de obras que possuem autores homens, da elite, brancos, os quais utilizam uma variedade linguística extremamente culta. Nesse contexto, segundo Moura (2005), contar, falar e discursar sobre este assunto é extremamente delicado, pois exige a desconstrução do estereótipo de “homem branco” superior ao “homem negro”, exigindo também o fim da existência de duas espécies de homens distintas, pois na realidade são todos iguais. Tal cenário pode ser facilmente vislumbrado em livros didáticos escolares, característicos de uma educação liberal, consagradora de ideais intrinsecamente relacionados a determinados interesses.

Os novos rumos da literatura e o reconhecimento de outras vozes no campo literário, nesse sentido, significam novas formas a serem contempladas e escritas na historiografia da literatura, pois, conforme afirma Andrade (2018, p.305) “a literatura aparece como representação dos interesses e se preocupa com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos vários grupos sociais, isto é, os estudos e a produção literária se tornam mais conscientes do lugar de fala”. Destarte, em conformidade com o autor, entendemos que é importante o levantamento de questões que investiguem quem são aqueles que possuem ou não direitos à voz dentro da sociedade de classes, pois assim pode-se “desestabilizar as normas vigentes”, levando à possibilidade de se escancarar perspectivas diversas e rompendo com a monofonia, com o propósito de estabelecer novas histórias e vozes (ANDRADE, 2018). Além disso, conforme afirma Compagnon (*apud* ANDRADE, 2018, p. 305), “a literatura muda porque a história muda em torno dela. Literaturas diferentes correspondem a momentos históricos diferentes”. E, assim, Andrade (2018, p.305) nos alerta que, “ela (a literatura) pode aflorar a história. A expansão de fatos políticos e sociais no contexto das Letras, por exemplo, produz um novo tipo de escritor, situado entre o militante e o autor, uma pessoa engajada que vê em sua escrita um ato”.

Logo, são necessárias novas posturas, conjunturas e jeitos de se pensar e fazer a história e historiografia da literatura, e sua aplicação nos ambientes educacionais, os quais são, geralmente, o espaço em que os indivíduos possuem seu primeiro contato com ela.

3 A superação do modelo dominante

O trabalho e o estudo com literaturas marginais devem contemplar textos que discorram sobre a sociedade, a cultura e a história do país; nestes, é possível identificar as dores e marcas visualmente explícitas do processo de construção da identidade de um povo. Uma proposta satisfatória de superação ao modelo dominante seria aquela que atende ao pleito da valorização e utilização de produções que trazem à tona aspectos da história e cultura do povo, possibilitando ao leitor tomar contato com um substrato cultural pouco abordado em obras canônicas, mas escancaradamente perceptível naquelas que valorizam a experiência local, com linguagem oralizada e a representação dos conflitos sociais, trazendo aproximação do leitor ao texto, e problematizando a trajetória que o fez estar inserido ali. Assim, ao se valer dessa prática, como descrito por Mary Louise Pratt (1992), é preciso uma “descolonização do conhecimento” no trabalho intelectual, para que as atitudes dominantes e autoritárias não continuem a serem perpétuas.

Dado o exposto, é fulcral a utilização de produções de diferentes contextos e abordagens em sala de aula. Essa importância pode ser entendida, por exemplo, no fato de que narrar histórias é algo que o ser humano faz desde os primórdios, e, segundo Josilene Silva Campos (2015), está relacionado com a necessidade de resgatar a experiência da perenidade e do quão frágil é a vida. Durante muitos anos, para nossos ancestrais, a história, a filosofia, a ciência e todas as práticas culturais eram passadas pelas gerações por intermédio da oratória, já que esses povos eram ágrafos inicialmente. De forma análoga, trazer a literatura que contempla as vozes de um povo é ao mesmo tempo (re)conhecer sua história, valendo-se de questões sobre suas especificidades, particularidades, temporalidades, patrimônios, caminhos, saberes divididos, e referências culturais que tornam a literatura do país única e ao mesmo tempo plural.

Para isso, acreditamos que a inserção da literatura periférica pode ser vista como um caminho para os problemas expostos, rompendo com a produção ideologicamente “branca”, trazendo novos contextos, como por exemplo a literatura afro-brasileira. Segundo Moura (2005), o Brasil é caracterizado por se constituir de variadas etnias, culturas, fisionomias e paisagens, pela ocupação de diferentes regiões geográficas, e pela multiplicidade de opiniões sobre a miscigenação em

sentido amplo. Revelando, infelizmente, algumas práticas acorrentadas ao preconceito.

O papel da Literatura frente a tal panorama é de resgatar a história do povo, da nação. Tão logo, a justificativa pela necessidade do trabalho com textos periféricos, marginais e afro-brasileiros, por exemplo, é o fato dos brasileiros insistirem em negar a sua identidade, desvalorizando, desapreciando e afastando aquilo que representa, de fato, suas identidades. Se pensarmos bem, esse fato está relacionado ao insuficiente aprofundamento na história dos nossos antepassados, da nossa ancestralidade de forma geral, e à insuficiente criticidade das relações estabelecidas. Pois, como afirma Machado (2006, p.84), “embora os antigos africanos das mais diversas etnias que foram trazidos para o Brasil não mais existam, o universo cultural que veio com eles permaneceu como memória”, e além da memória permanecem ligados à cultura e modo de viver do nosso povo. Para além disso, as relações de poder que se estabeleceram no contexto do Brasil Colônia estendem-se até os dias de hoje, e precisam ser entendidas. Diante disso, é fundamental que a elaboração dos livros didáticos, materiais em geral de ensino, currículo dos cursos e grades disciplinares contenham e abranjam a diversidade de culturas e de memórias dos vários grupos que fazem parte de nossa nação. Vale também salientar que esse resgate não deve ser feito apenas para satisfazer a necessidade de representação de uns, mas para romper com a educação elitizada. Assim, consoante a Munanga (2005, p.15),

o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Partindo dos supostos apresentados, o ensino da Literatura não deve ser apenas um preparatório para uma prova ou o atendimento a um currículo sem propósitos, mas servil à vida. Assim, a preocupação é tornar e formar um cidadão

crítico, capaz de opinar, argumentar, informar e desenvolver habilidades que favoreçam a sua vida, e simultaneamente a transformação da sociedade. Consequentemente, faz-se necessário o debate sobre a identidade cultural. Pensando em fornecer subsídios ao trabalho com literaturas marginais, apresentamos o “Quadro 2” com doze pesquisas que podem auxiliar à prática docente no entendimento e inserção dessas questões.

Quadro 2 – Trabalhos que contemplam e discutem a abordagem de literaturas para além dos cânones em sala de aula.

TÍTULO	AUTORES
A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico	Suzana Filizola Brasiliense Carneiro
A literatura marginal-periférica e a leitura literária escolar	Mei Hua Soares; Neide Luzia de Rezende
A literatura marginal-periférica e sua inserção no ensino médio	Sandra Eleine Romais Leonardi
Igualdade e literatura na Vila Cruzeiro do Sul (Escola Aberta em Porto Alegre)	Diego Tamagnone
Literatura marginal e os livros didáticos da educação de jovens e adultos de São Paulo	Maria Aparecida Costa Santos; Neide Silva
O gênero discursivo poesia marginal: reflexões para o ensino de Língua Portuguesa	Renan Luis Salerno
O texto na sala de aula	João Wanderley Geraldi (org.)
Poesia na sala de aula: um exercício ético e estético	Cynthia Agra de Brito Neves
Por que ensinar “Literatura Marginal” em nossas salas de aula?	Neuza Maria Sant’ Anna de Oliveira; Letícia da Silveira Espindula; Thaiana de Assis Santana
Por uma educação menor	Sílvio Gallo
Uma proposta didático-pedagógica em torno da poesia marginal de Paulo Leminski.	Annie Tarsis Morais Figueiredo; Mylena de Lima Queiroz
Ver a cidade: uma seleção da literatura periférica	Antonio Eleilson Leite (org.)

Fonte: Elaboração própria (2020).

Os trabalhos expostos no “Quadro 2” encontram-se disponíveis para busca no *website* “Google Scholar”, com fácil disponibilidade e acesso.

Considerações marginais

Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seus próprios pontos de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 28-29)

Como apresentado, a história da literatura brasileira e seu emprego em contextos educacionais firmam-se em conceitos e empregos balizados em discursos que não permitem a alteridade e não dão voz a grupos marginalizados, negando a esses o senso de pertencimento e os alocando em um estado de subalternidade. Entretanto, apenas criar “histórias da literatura” e novas concepções não são exatamente a saída mais adequada. Afinal, toda vez que um determinado grupo é colocado como protagonista, um outro fica à margem desse. Destarte, não se trata de tornar a literatura marginal um cânone, tampouco depreciar os cânones e os condenar a ficarem guardados nas estantes. O que entendemos como necessário aqui é a escrita na história das vozes daqueles que até então estavam fora do eixo de valorização da linha hegemônica, os quais sofrem constantemente com a insuficiente representação.

A prevalência a qual se espera alcançar é a de que na historiografia da literatura brasileira sejam inseridos de forma efetiva a memória cultural, a identidade do povo em suas várias faces e manifestações, mas com cautela e sem legitimar lutas “contra tudo e todos” sem propósitos específicos, já que

esse discurso é também carregado de armadilhas. Na tentativa, muitas vezes, de se trazer o subalterno à tona – o que se vê em estudos um tanto despreparados –, pode-se cair novamente na dicotomia, ou seja: trata-se o discurso anterior como o “mal” e o novo como o “bem”, fazendo-se uso do argumento solidificado mais uma vez pelo binarismo. Na tentativa de “discutir-se” um cânone, cria-se outro em ambivalência àquele. Luta-se pela substituição no lugar da suplementação e, na tentativa de contar uma história literária no vão daquela dita oficial ou cristalizada, cria-se, sem perceber, outra “verdade”. (OGLIARI, 2015, p.246)

Assim, é necessário perceber a arte literária como um local de possibilidades, de variações estilísticas e estéticas, com formas e dinamismos distintos, os quais devem ser valorizados e contemplados em todos os contextos os quais a literatura se

liga, seja em sua historiografia, seja nos espaços acadêmicos, seja nos livros didáticos. Ela é uma forma de expressão, trata-se de um espaço sobretudo de liberdade, reflexão e criação do homem. E, como afirma Leyla Perrone-Moisés, consoante a Barthes, a literatura não se trata de uma resposta ao mundo, mas a pergunta dirigida a ele: “eis o mundo: existe sentido nele?” (2016, p. 237).

Para isso, é fulcral o papel da educação na mudança de paradigmas, na constituição de lutas à máquina cruel, mantendo acesa a chama da revolta. Por fim, advogamos pelo

educar com a fúria e a alegria de um cão que cava seu buraco. Educar escavando o presente, militando na miséria do mundo, de dentro de nosso próprio deserto. Esse é um dos resultados possíveis de nosso encontro com a filosofia de Deleuze; essa é uma das possibilidades de um devir-Deleuze na educação. (GALLO, 2002, p.177)

Referências

ABREU, O. Deleuze e a arte: o caso da literatura. *Lugar Comum* (UFRJ), v. 23, p. 199-209, 2012.

ANDRADE, G. A. D. As novas vozes da Literatura Brasileira Contemporânea. *Opiniões*, n. 13, p. 298-314, 21 dez. 2018.

BOGUE, R. *Deleuze and Guattari*. London: Routledge, 2008.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CAMPOS, J. S. Anticolonialismo, literatura e imprensa em Moçambique. *Simpósio Nacional De História*, v. 28, p. 1-11, 2015.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Kafka - por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FRANCO JÚNIOR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, 2002.

GINZBURG, J. O valor estético: entre universalidade e exclusão. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 98-107, 2008.

MACHADO, F. L. L. Novos portugueses? Parâmetros sociais da identidade nacional dos jovens descendentes de imigrantes africanos. *Identidades Nacionais em Debate*, p. 19-46, 2006.

MELLO, C. Literatura entre as artes na escola: o leitor como sujeito histórico. In: OLIVEIRA, V. S. *Educação literária em foco: entre teorias e práticas*. Cornélio Procópio: UENP, 2008, p. 8.

MOURA, G. O direito à diferença. In: MUNANGA, K. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 69-82.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

PRATT, M. L. Introduction: Criticism in the contact zone. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, v. 2, p. 1-12, 1992.

OGLIARI, I. N. História da literatura e consciência historiográfica: um diálogo entre a escrita e a recepção/History of Literature and Historiography Consciousness: A Dialogue Between Writing and Reception. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 25, n. 1, p. 243-252, 2015.

OLIVEIRA, R. P. Literatura Marginal: Questionamentos à Teoria Literária. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 31-39, 2011.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura do século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ROMAN, A. R. O conceito de Polifonia em Bakhtin - O trajeto polifônico de uma metáfora. *Revista Letras*, Curitiba, v. 42, p. 207-220, 1993.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, T. *O Fantástico: uma abordagem estrutural do gênero literário*. Traduzido do francês por Richard Howard. Prefácio de Robert Scholes. Imprensa da Universidade de Cornell, 1975.

Recebido em 10/09/2020

Aceito em 15/04/2021

Publicado em 03/05/2021